

OS CLUBES DE FUTEBOL E O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO NA REGIÃO DO RIO TIETÊ 1889 – 1945¹

Marco Antonio Bettine de Almeida

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

marcobettine@gmail.com

Renata Ferreira

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

renata_guitar@hotmail.com

Gustavo Luiz Gutierrez

Universidade Estadual de Campinas

Campinas, Brasil

glgutierrez@terra.com.br

Renato Francisco Marques

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

renato.marques@yahoo.com.br

Recebido em 27 de outubro de 2011

Aprovado em 6 de agosto de 2012

Resumo

Buscou-se compreender o desenvolvimento dos clubes de futebol: A. A. das Palmeiras, São Paulo F. C., S. C. Corinthians Paulista, A. A. São Bento e E. C. Sírio, localizados na região do rio Tietê, no período de 1889 a 1945. A ideia central é que a urbanização, com a chegada dos meios de transporte, favoreceu a inserção do esporte às

¹ Financiamento: Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e Pró-Reitoria de Pesquisa – Núcleo de Apoio à Pesquisa – LUDENS (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas - Universidade de São Paulo).

margens do rio. A primeira fase do método de pesquisa foi uma análise documental em livros, jornais, acervos, atas de fundação e documentos secundários buscando os sujeitos mais relevantes destes clubes, como presidentes, diretores, apoiadores, sócios. A segunda fase foi uma análise da importância destes sujeitos na sociedade paulista. Nesta pesquisa buscou-se construir a história destes clubes a partir da importância – política, social e econômica – dos seus mais ilustres militantes. Fortalecendo a hipótese da relação urbanização, desenvolvimento econômico, industrialização e clubes de futebol.

Palavras-chave: São Paulo; Rio Tietê; clubes de futebol.

Abstract

Soccer Clubs and the process of urbanization in the region of the Tietê river

We sought to understand the development of the football clubs: A. A. das Palmeiras, São Paulo F. C., S. C. Corinthians Paulista, A. A. São Bento and E. C. Sírio located in the region of the Tietê river, in the period 1889 to 1945. The central idea is that the urbanization, with the arrival of means of transport, favored the inclusion of the sport on the river. The first phase of the research method was an analysis of documents in books, newspapers, collections, minutes of the foundation and secondary documents seeking the subjects most relevant of these clubs, as presidents, directors, supporters, partners. The second phase was an analysis of the importance of these subjects in São Paulo society. This study sought to build the history of these clubs from the importance – political, social and economic – of its most illustrious militants. Strengthening the hypothesis of relative urbanization, economic development, industrialization, and the football clubs.

Keywords: São Paulo; Tietê River; football clubs.

Introdução

Este estudo partiu da seguinte hipótese: o desenvolvimento econômico, resultante da forte industrialização e urbanização da época analisada (1889-1945) e a chegada dos meios de transporte, tiveram grande importância para a inserção do esporte nas cidades paulistas por meio dos clubes de futebol, tendo como meio de difusão a hidrovía à beira do rio Tietê.

Com este estudo poder-se-á explicar a relação dos clubes de futebol tanto com o desenvolvimento urbano, quanto com a indústria, pois é fato que a expansão industrial foi o principal acontecimento que possibilitou a acumulação de capital no Estado de São

Paulo, e, conseqüentemente, de novas formas de investimento no setor urbano (DEAECTO, 2002). A implantação dos meios de transporte teve papel fundamental para o crescimento não só da indústria, mas de toda a economia paulista, podendo assim ter influenciado a disseminação dos clubes de futebol no Estado.

Objetivamente, esta pesquisa analisa a importância da região do rio Tietê no cenário paulista a partir dos clubes de futebol nela estabelecidos, compreendendo a influência da industrialização e urbanização no desenvolvimento do futebol, assim como sua contribuição para o surgimento dos locais institucionalizados para a sua prática.

O artigo analisará um período longitudinal que vai do início da República Velha, quando os documentos apontam a chegada do futebol no Brasil, até o final do Estado Novo, período que gerou mudanças significativas em praticamente todos os aspectos: social, econômico, político e cultural do país. A escolha destas datas não traz novas abordagens à historiografia, mas sim reforça a importância destes dois períodos no desenvolvimento cultural e social do Estado de São Paulo.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizado uma busca nos acervos dos clubes, dos jornais A Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, e nas bibliotecas e bancos de dados da Universidade de São Paulo. As informações foram encontradas de forma mais resumida nos acervos dos clubes e jornais, enquanto as informações mais detalhadas foram encontradas nos livros, teses e artigos. Esta análise bibliográfica e documental priorizou:

(A) o período histórico e os aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos da região do rio Tietê, que proporcionaram uma visão mais ampla sobre o contexto da época;

(B) a industrialização e o desenvolvimento dos meios de transporte na região, como forma de identificar sua influência e contribuição para o esporte;

(C) a fundação dos clubes de futebol às margens do rio Tietê, com o propósito de compreender o processo de seu desenvolvimento.

Para entender o desenvolvimento dos clubes de futebol utilizaram-se dois conceitos weberianos (a) tipo ideal e (b) sujeito da ação social. O tipo ideal corresponde a um processo de conceituação que abstrai de fenômenos concretos o que existe de mais específico e característico para a sua existência e funcionamento, constituindo assim algo universal. Esta conceituação generalizadora leva ao limite seus aspectos fundamentais, isto é, as uniformidades e regularidades essenciais para a sua presença enquanto estrutura social, sem as quais ele ficaria descaracterizado, ou teria que ser necessariamente caracterizado a partir de outras premissas. O conceito genérico, o tipo ideal, permite conhecer a sua manifestação na realidade concreta sem ter que esgotar o estudo empírico minucioso de todos os aspectos. Ou seja, conhecidas, por exemplo, as características do tipo ideal capitalismo, como trabalho assalariado, moeda, lucro, e desenvolvimento industrial, entre outras, torna-se mais fácil perceber sua presença na realidade material, assim como iniciar uma pesquisa específica sobre algum sujeito social, ou grupo. O tipo ideal, para Weber (2002), nunca se encontra na forma pura na realidade social e constitui parte do método de análise da sociologia compreensiva. Como o objeto de pesquisa de Weber parte da compreensão da ação do sujeito individual, o tipo ideal cumpre um papel importante, facilitando a aproximação entre o sujeito observado e o ambiente mais amplo em que ele atua.

O sujeito da ação social busca a racionalmente a dominação, no contexto da sua esfera de ação, a partir de relações definidas por afinidades seletivas, num quadro onde

os processos de dominação são definidos baseados pela caracterização típico ideal de Weber, a saber: (a) ação racional com respeito a fins (onde o sujeito busca racionalmente atingir um objetivo previamente determinado), (b) ação racional com relação a valores (onde o sujeito subordina sua conduta a um código de valores morais geral), (c) ação racional com respeito à tradição cultural aceita pelo grupo (é comum em sociedades teocráticas e clãs, e (d) ação racional com relação a emoções (onde a dimensão sentimental assume o papel primordial). Estas são definições típico ideais de formas de dominação, na realidade concreta elas aparecem superpostas embora, em muitos casos, possa ser percebida a prevalência de uma delas.

Nesta pesquisa, procura-se compreender as características do sujeito definido pelo fundador, ou presidente, do clube de futebol, no período determinado, enquanto sujeito social que busca racionalmente a dominação, na sua esfera de ação. Quais são as características marcantes destes sujeitos? Quais são os objetivos e motivações compartilhadas por eles? Quais as características gerais destes sujeitos? Poder-se-ia criar um Tipo Ideal de sujeito gestor de clube de futebol deste período? Ou são pessoas que não possuem nenhuma relação em comum?

Para chegarmos à construção desta tipologia foi fundamental uma análise documental constituída em fases: na primeira foram selecionados os documentos que continham os nomes dos presidentes, diretores e dos apoiadores dos clubes; na segunda, após anotar estes nomes procurou-se nos documentos a importância destes sujeitos para o desenvolvimento do clube, quais foram os seus feitos, qual a relação com a instituição; selecionado o nome destes sujeitos, na terceira etapa, foi pesquisado qual papel eles assumiam no cenário da sociedade paulista, qual era sua profissão, qual a importância na política, na cultura e na economia.

A partir destes dados buscou-se reconstruir a relação dos clubes com o desenvolvimento da cidade em um sentido amplo, isto é, político, econômico, cultural, social e industrial. Esta análise permite construir o tipo ideal de dirigente no período: (a) o sujeito para formar, criar e conduzir uma Associação Atlética é um amante do esporte; (b) Mesmo sendo amante ele busca racionalmente um espaço para ser reconhecido e ter sua imagem associada à agremiação; (c) No limite, o sucesso da agremiação refletirá seu sucesso; (d) Possibilitando novas inserções nos espaços sociais que o sujeito tinha sua origem primeira, como político, industrial ou comerciante; (e) Ser dirigente refletia um papel de liderança de algo novo que estava surgindo, como as industriais, os comércios, as entidades sociais; (f) Ser alguém de destaque na agremiação e levá-la para vitórias lhe conferia prestígio social, político e administrativo.

Para conhecer este tipo e discuti-lo de forma mais aprofundada, a análise partirá do macrocosmo social em que agem os sujeitos, para num passo seguinte, investigar aspectos microestruturais. Primeiro é necessário ter um panorama do período, os contornos políticos, sociais e econômicos. Segundo, entender a prática do futebol no Brasil e os seus clubes. Terceiro, conhecer a região do rio Tietê relacionando-a com o futebol e seus clubes. Quarto, compreender os sujeitos e suas ações.

1. Aspectos políticos, sociais e econômicos: construindo o campo

A industrialização passou por uma grande aceleração durante a velha república e o varguismo propiciou um maior desenvolvimento da rede de transportes. A expansão dos transportes e comunicações foi condição *sine qua non* para o incremento do comércio e da indústria, visto que possibilitou a integração de diferentes mercados. O aumento das interações regionais, a maior mobilidade e acessibilidade no espaço e a

reprodução acelerada do capital são aspectos resultantes da expansão e modernização dos transportes e comunicações (SILVEIRA, 2009) que também influenciaram a disseminação da prática esportiva no país.

A industrialização acelerada durante o governo de Getúlio Vargas foi consequência da crise de 1929, na qual ocorreu uma diminuição da capacidade de importar e um incentivo interno para a produção de bens de consumo e bens de produção. Um dos objetivos de Vargas, ao estimular o desenvolvimento da rede de transportes, foi interligar as pessoas com as cidades e as mercadorias.

O crescimento econômico possibilitou que o Brasil diminuísse a sua dependência da exportação agrícola e iniciou uma industrialização crescente, que primeiro impactou os grandes centros urbanos e posteriormente o interior. Algumas ações favoreceram este crescimento econômico, tais como: a Companhia Siderúrgica Nacional, a Agência Nacional de Petróleo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a Usina Hidrelétrica do Vale do Rio São Francisco, a Companhia Vale do Rio Doce, além das obras de infraestrutura e desenvolvimento do parque industrial brasileiro (ALMEIDA, GUTIERREZ e FERREIRA, 2010).

Este processo de urbanização e desenvolvimento foi marcado pelo crescimento econômico, a partir do qual o Brasil, que tinha a condição de país eminentemente agrário-exportador, se transforma em uma sociedade, também, urbano-industrial.

A cidade de São Paulo passou por um momento crucial de transformações, na qual a intensificação e as tensões do seu processo de urbanização puderam ser notadas, como as transformações espaciais, econômicas, demográficas, sociais, políticas e culturais que ocorreram (KOGURUMA, 1998). São Paulo, integrada ao complexo da economia agrário-exportadora, cresceu e experimentou modificações que transformaram

sua feição de provinciana Vila de Piratininga, para o de uma frenética e cosmopolita metrópole, cujos modelos de urbanização refletiram os valores da modernidade e civilização que predominaram nas sociedades burguesas europeias. A sociedade paulistana desenvolveu-se pela economia cafeeira, instalação das ferrovias, abolição da escravidão, criação de um mercado de mão-de-obra via imigração de europeus e industrialização (KOGURUMA, 1998).

O caminho do café rumo ao porto passava por São Paulo. A comercialização, a necessidade dos insumos para o plantio e a rede de comércio colateral trouxe grande dinamicidade à capital e a cidade de Santos se tornou o principal porto da América Latina (NICOLINI, 2001). Em 1876, a inauguração da São Paulo Railway, estrada de ferro que ligava Jundiaí a Santos, proporcionou uma concomitante modificação socioeconômica na região, que transformou São Paulo em local apropriado para a prática esportiva. Surgia um verdadeiro local de encontros, onde: a elite consolidava seus negócios e iniciava um processo de migração das suas moradias para o centro financeiro; a mão-de-obra nacional, que não fora captada pela lavoura, buscou emprego na dinâmica metrópole; a presença dos imigrantes, que chegaram a representar no início do século XX, metade da população da cidade (HALL, 2004).

O estrangeiro esteve presente neste processo, seja pela mão-de-obra, seja pelos capitais nos setores urbanos que atuaram diretamente no mercado nacional com a instalação de empresas, ferrovias, portos, como a São Paulo Railway e a Light & Power Company. Era comum a negociação de empréstimos estrangeiros a fim de serem aplicados em ferrovias e portos, ou para financiamentos relacionados ao café (SKIDMORE, 1996).

No Brasil, as primeiras experiências de meios e vias de transportes mais avançados ocorreram com a construção das ferrovias e da navegação fluvial e marítima a vapor. De acordo com a crescente demanda, os portos e seus armazéns se tornaram imprescindíveis para a exportação e importação de produtos e estocagem das cargas. Nesse contexto, atribui-se ênfase ao porto de Santos a partir da segunda metade do século XIX, visto que este sobressaía nas exportações de café, oriundas, inicialmente, do Vale do Paraíba e, posteriormente, do Oeste Paulista (PRADO JR, 2004).

A dinâmica dos transportes no Brasil a partir do governo de Getúlio Vargas (anos de 1930) está diretamente relacionada à participação efetiva do Estado planejador e desenvolvimentista. As infraestruturas: energética e transporte, entendidas como basilares aos investimentos privados, foram estratégias valorizadas pelo Estado e contribuíram efetivamente para o processo de crescimento econômico nacional, principalmente para a industrialização. Os investimentos públicos a partir do governo Vargas nos setores hidroviário e portuário eram, basicamente, focados no transporte internacional de cargas e, principalmente, na atividade portuária, com destaque para o porto de Santos.

A expansão rodoviária foi fundamental para a integração do território nacional e solidificação do mercado interno. O desenvolvimento das rodovias ocorreu no mesmo período que surgiram as hidrovias e terminais portuários em vários cursos fluviais brasileiros, caso da Hidrovia Tietê-Paraná e dos portos intermodais paulistas, mediante a criação de uma base de infraestrutura (eclusas, canais artificiais, barragens, etc.). O governo de Getúlio Vargas tinha como meta a articulação inter-regional, o desenvolvimento nacional e a consolidação de uma base industrial. Diante disso, era fundamental o Estado realizar investimentos em infraestruturas de transportes, mediante

os Planos de Viação, principalmente ligados ao transporte rodoviário, como o Plano Rodoviário do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, de 1937, e o Plano Rodoviário Nacional, de 1944. No que se refere às ferrovias e ao transporte hidroviário interior, estes também foram contemplados pelos Planos de Viação: Plano Ferroviário Souza Brandão, de 1932, e o Plano Nacional de Viação Fluvial, de 1947, são dois exemplos (PLANOS DE VIAÇÃO, apud FELIPE JR, 2008). Diante do crescimento econômico do Estado de São Paulo, foi iminente a necessidade de fomentar a navegação fluvial e a produção de energia elétrica no Centro-Sul. Ademais, a expansão das fronteiras agrícolas no Centro-Oeste brasileiro tinha a necessidade de uma demanda de transporte com grande capacidade de escoamento de cargas.

Todas estas questões serviram de pano de fundo para grandes transformações estruturais no Brasil, e mais particularmente no Estado de São Paulo. Estas discussões foram trabalhadas por pesquisadores como Boris Fausto, Caio Prado Jr., Thomaz Skidmore, entre outros.

Talvez uma das questões mais sensíveis deste trabalho seja perceber que, neste período, estava latente uma situação de efervescência: (a) econômica, como citado anteriormente; (b) política, com a primeira e segunda grande guerra, revolução de 1930 e 1932, a constituinte de 1933, o Estado Novo em 1937; (c) cultural, a Semana de Arte Moderna, o desenvolvimento de uma arte nacional-popular, as companhias de cinema e teatro, uma vida cultural na cidade de São Paulo com os cafés e restaurantes.

Neste processo de desenvolvimento, o esporte, e mais particularmente o futebol, torna-se elemento importante de análise da sociedade paulista. Um dos momentos mais importantes foi a vitória da seleção brasileira no Campeonato Sul-Americano de 1922, com destaque para Artur Friedenreich, e a profissionalização do atleta de futebol em

1933. A última ação demonstra que Getúlio Vargas percebeu a importância do futebol dentro desse novo tempo. O projeto getulista abrangeu o esporte como central para a transformação do brasileiro e também para a superação das diferenças políticas (GUTERMAN, 2010).

Getúlio empreendeu grandes esforços para estatizar o controle do futebol no país, uma vez que este era visto como um veículo das aspirações nacionais e do perfil do brasileiro, razão que fez Getúlio tratar de controlá-lo. Getúlio Vargas tratou de vincular o futebol ao Estado, explorando a paixão brasileira a favor de seus projetos de coesão social (GUTERMAN, 2010).

Em 1934, o governo já demonstrava seu interesse pelo futebol. A delegação brasileira da Copa de 1934 seria comandada por Lourival Fontes, jornalista, escritor, admirador do fascismo italiano e diretor do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) que posteriormente originaria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) que também seria dirigido por ele. Nesta época, o futebol já era considerado como um importante elemento de propaganda nacionalista.

Ainda neste processo de regulamentação e legislação do futebol, em 1935, esta modalidade passou a ser regulada pela Censura Teatral, um órgão de vistoria da polícia que impunha determinadas regras que também eram utilizadas para o controle de outras diversões públicas, como o teatro. Este controle determinava que somente os jogadores registrados na Censura Teatral poderiam jogar. Para que os clubes pudessem registrar os seus jogadores, eles precisavam manter-se obedientes a todas as normas impostas pelo órgão do governo. A Censura Teatral interferia nas negociações dos amadores que não tinham contrato com o clube, e tentava controlar suas condutas em campo, multando-os ou os suspendendo caso se comportassem de maneira considerada inadequada (DEL

PRIORE e MELO, 2009). Percebe-se que a política de controle e desenvolvimento estabelecida na indústria e nos meios de transporte também fora transportada para as atividades culturais, o futebol, como exemplo maior de concentração da massa populacional, teve seu processo de controle.

Este mesmo processo ocorreu na última Copa do Mundo da modalidade durante Estado Novo em 1938. Nesta, a política de controle estava mais exacerbada. Foi um evento marcado pela atuação de Getúlio Vargas, que concedeu uma alta subvenção à delegação brasileira para suprir todas as despesas com o campeonato. O grande sucesso popular desencadeado pela Copa do Mundo anterior chamou a atenção do governo que percebeu o poder que o esporte tem sobre as massas, concluindo que deveria controlar o futebol mais de perto, pois ele poderia ser um meio de levar a ideologia oficial do governo às massas.

Para fortalecer esta ideia de casamento entre futebol e governo, podemos utilizar como exemplo o discurso de Getúlio Vargas na inauguração do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu) e os comícios de Vargas no estádio do Vasco, em São Januário, Rio de Janeiro, Capital Federal, quando Vargas anunciou a criação do salário mínimo em 1940 e a Consolidação das Leis Trabalhistas em 1943 (NOGUEIRA, 2006).

Getúlio Vargas, ao regulamentar o esporte, aproximou ainda mais o seu governo do futebol. Entretanto, este processo estabelecido pelo Estado não foi aceito passivamente pelo povo, pelo contrário, foi transformado por seus amadores e readaptado por seus produtores, readequando-se às exigências da sociedade. Fica claro que a formulação de uma nova identidade e de uma nova ideologia não foi unicamente criada pelo Estado, mas uma relação de troca entre iniciativas estatais e demandas

sociais. O futebol, além de outras ferramentas culturais utilizadas por Getúlio Vargas, atendia a anseios e aspirações já existentes nas camadas populares (DEL PRIORE e MELO, 2009).

2. O início da prática do futebol no Brasil

O início efetivo do esporte moderno ocorreu após a Revolução Industrial. O maior tempo livre resultante da legislação, no início do século XIX, dirigiu-se para uma série de outras atividades, que favoreceram o início do esporte. A Inglaterra estabeleceu a folga aos sábados e domingos (a chamada “semana inglesa”), o que propiciou e favoreceu a utilização do tempo livre para a prática esportiva.

Foi no meio universitário britânico que, principalmente, o esporte começou a ser praticado. Jovens das principais escolas inglesas foram os pioneiros a se dedicar a várias modalidades que, com o passar do tempo, foram consolidadas como olímpicas e transformaram o esporte em valor cultural. Após egressar dessas universidades, estes jovens tornaram-se agentes de difusão da atividade esportiva pelo mundo, missão profissional, deixando parte deste valor cultural em todas as regiões em que se radicavam de forma temporária ou permanente (NICOLINI, 2001).

Semelhantemente à Inglaterra, onde a elite foi a responsável pela criação e organização do futebol, no Brasil este esporte foi introduzido “segundo os relatos oficiais” do jovem Charles William Miller, nascido no ano de 1874, em São Paulo, filho de um engenheiro escocês, que, sendo enviado à Inglaterra para completar seus estudos, entrou em contato com o *Football*, no qual se consagrou campeão entre os amadores da Inglaterra (FRANCO JR, 2007).

Da mesma forma que Miller, Oscar Cox, após terminar seus estudos na Suíça, retornou ao Brasil e tornou-se o difusor do futebol no Rio de Janeiro e o primeiro presidente do Fluminense. O “introdutor” do futebol em Salvador foi José Zuza Ferreira, que levou à capital baiana a primeira bola em 1901 ao voltar da Inglaterra. Em 1904, Vitor Serpa criou o Sport Club em Minas Gerais, e em 1905, Guilherme de Aquino Fonseca começou a difundir o futebol em Pernambuco, após concluir seus estudos, também na Inglaterra (NOGUEIRA, 2006).

Não é objetivo deste artigo discutir quando ocorreu o primeiro jogo, nem mesmo se os sujeitos acima relatados são os primeiros a trazer bolas e materiais. Na história é mais intrigante conhecer seus contornos do que sistematizar um nome, um fim, como se a partir deste relato decretássemos o fim da história. Neste sentido, os nomes trazidos têm a ideia de apresentar o seguinte contexto: há uma percepção que jovens da elite europeia, principalmente inglesa, de pais radicados no Brasil, entraram em contato com o futebol sistematizado e burocratizado, trazendo esta nova prática à luz dos documentos oficiais. O que não impede de perceber que marinheiros ingleses, entre outros, poderiam já praticar o futebol de forma não sistematizada, porém distante dos holofotes de jornalistas e de pessoas que escreveram o cotidiano do fim do século XIX e começo do XX.

A Várzea do Carmo, às margens do rio Tamanduateí, extensão do rio Tietê, foi o palco para marcar a data de um jogo entre os funcionários da Companhia de Gás, do London Bank e da São Paulo Railway, (companhia responsável pela construção e exploração do transporte ferroviário entre Jundiaí e o porto de Santos), organizado por Charles Miller.

O início da prática desportiva no país contou com a ausência das classes menos abastadas, seguindo a tendência da elitização, porém sua introdução acompanha uma série de condições psicossociais prévias do esporte, como a libertação dos escravos (1888), a Proclamação da República e o rápido desenvolvimento das cidades, especialmente São Paulo. Esta elitização não impediu que o futebol ganhasse a aceitação popular num período de vinte anos (1894-1914), propiciando a consolidação do futebol como esporte de massas (ARAÚJO, 2000).

O primeiro clube a jogar futebol foi o São Paulo Athletic Club (do qual Charles Miller era sócio). Este clube tinha como sócios diretores da São Paulo Railway e outros membros da colônia inglesa, eles se encontravam, anteriormente, para jogar “*cricket*” numa várzea, nas proximidades da Ponte Grande (uma das pontes que atravessam o Rio Tietê, que dividia a capital paulista) (MAZZONI, 1950). Posteriormente, a Associação Atlética Mackenzie College de São Paulo, liderada por Augusto Shaw, professor do Mackenzie College, também passou a se dedicar à modalidade, dando origem ao Mackenzie como clube de futebol. No final do século XIX e começo do século XX outros clubes foram fundados no Estado de São Paulo, que não se iniciaram pelo futebol, mas que logo começaram a se dedicar exclusivamente a ele, como é o caso do S.C. Savoia de Sorocaba, a Associação Atlética Ponte Preta de Campinas e o Clube Atlético Paulistano de São Paulo.

Em 1902 ocorreu o primeiro campeonato paulista, contando com a participação do São Paulo Athletic Club, o S.C. Germânia, o S.C. Internacional, o C.A. Paulistano e o Mackenzie College. O futebol, por no mínimo quinze anos, foi dominado pelos clubes mais ricos, porém, também já existiam os clubes chamados varzeanos (MAZZONI, 1950). Neste sentido, as fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas

através da formação de times improvisados pelos setores populares e, o que antes era simples curiosidade destas camadas, passou a ser prática oficial. Como hoje assistimos crianças jogando futebol com pedras, bola de meias, ontem não era diferente, o futebol era praticado com materiais improvisados, jogado em terrenos desocupados, tornando-se uma representação da existência negada em outros campos sociais, alastrando-se pelos subúrbios. Logo, as equipes e clubes foram se constituindo pela iniciativa de pequenos comerciantes, operários e artesãos, como o Internacional em 1909 e o Sport Club Corinthians Paulista em 1910 (FRANCO JR, 2007).

O amadorismo oferecia gratificações aos jogadores de origem operária. Os atletas que se sobressaíam, recebiam privilégios e por isso, passavam a se dedicar mais ao clube do que propriamente à empresa da qual eram contratados. Quando eram realizados amistosos e campeonatos, os clubes de elite costumavam cobrar elevados valores pelos ingressos e mensalidades de seus sócios, enquanto que os clubes populares preocupavam-se em oferecer condições mais acessíveis para seus associados nos torneios e confrontos que organizavam. Nesta época, o futebol desenvolveu um enorme potencial econômico, uma vez que o “amadorismo marrom”, praticado desde 1910, sustentava-se das bilheterias e dos ricos patronos dos clubes. O amadorismo só foi se desconstituir anos depois, com a transição política do governo Vargas que em 1933 reconheceu o jogador de futebol como profissional regulamentado pela legislação trabalhista.

3. O rio Tietê como meio de transporte e como local de desenvolvimento dos clubes de futebol

A formação da região metropolitana de São Paulo ocorreu na bacia do rio Tietê, a cerca de 750 metros acima do nível do mar. Anhemi, Agemi, Aiemi, Anemi, Aniemi, Anhemi, Anhebu, Anhebig, Anhembu, Iniemi, Inhami, Inhami, Niemi, foram muitos os nomes que designaram o Tietê. Comandando os demais rios que se direcionam a ele (Pinheiros, Tamanduateí, Aricanduva e demais afluentes), o Tietê corre para a região oeste-sudoeste. Sua nascente está localizada a 22 quilômetros do oceano Atlântico, a 840 metros de altitude, e só desemboca suas águas no mar ao final de 3.500 quilômetros, depois de engrossar o rio Paraná, onde juntos seguem para alcançar o rio da Prata, seguindo finalmente para o mar (GANHITO e SPLIATTI, 2004).

Muitas expedições e bandeiras utilizavam o rio Tietê como meio de transporte para a procura de ouro, índios ou fundação de novos povoados, o que reforça sua importância histórica. Na época da fundação da cidade de São Paulo, por volta de 1554, o rio era utilizado pelos jesuítas como meio de alcançar os pontos mais distantes da Vila de Piratininga. No caso das bandeiras, o rio Tietê adquiriu grande relevância, pois muitos paulistas chegaram por meio dele à atual região Centro-Oeste, possibilitando consequentemente o surgimento de várias aldeias, povoados e vilas que, posteriormente, se tornaram cidades nos Estados de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais. O transporte fluvial era de suma importância para o abastecimento humano e sobrevivência de vários grupos sociais. Vilas do interior se interligavam via fluvial às cidades do litoral na busca de alimentos e vestimentas (BARAT, 1978).

No começo da colonização, as primeiras vilas foram surgindo em torno da pequena São Paulo, como: Mogi as Cruzes, Santana do Parnaíba, Pirapora do Bom

Jesus, Itu, Tietê e Porto Feliz. Posteriormente, com a expansão da agricultura, o Tietê influenciou diretamente a instalação de dezenas de outras cidades e vilas, todas com importância marcante no povoamento e na economia paulista.

Devido a sua localidade, o rio também foi explorado pelo governo brasileiro, que o identificou como meio de facilitar o comércio e o envio de cartas pelo Real Serviço de Correios, como forma de acelerar sua comunicação com as zonas fronteiriças (GANHITO e SPLIATTI, 2004). Por volta de 1720, houve a descoberta do ouro em Goiás e no Mato Grosso, e o rio Tietê tornou-se rota entre o sertão e o litoral, como meio de transporte do ouro encontrado que seria enviado para Lisboa e posteriormente para outros países da Europa.

No final do século XVIII, uma das atividades que apresentou grande crescimento foi a industrialização do açúcar, sendo substituída no século seguinte pelo café, que exerceu seu domínio nas lavouras. O Estado de São Paulo foi o centro produtor mais importante do mundo e trouxe grandes riquezas e transformações à sociedade da época (GANHITO e SPLIATTI, 2004). O avanço industrial e as transformações da economia paulista, por meio dos novos investimentos, passavam por um crescimento acelerado e, no final do século XIX, impulsionaram o comércio do Estado e, conseqüentemente, a maior utilização dos meios de transporte.

A cidade de São Paulo foi transformada em um polo de atração comercial e industrial. Havia na atual rua 25 de março, centro da cidade de São Paulo, um porto fluvial, e é por este motivo que da rua Boa Vista desce uma ladeira chamada Porto Geral, onde realmente existiu um porto (NICOLINI, 2001). O desenvolvimento da cidade de São Paulo trouxe a necessidade do encontro de novos meios que facilitassem o comércio. Em 1873, o barco a vapor era o transporte utilizado para escoar a produção

do café e de outros produtos comercializados por meio da Companhia Fluvial Paulista que, por 30 anos, teve o privilégio de trafegar entre a cidade de Tietê e Salto de Avanhandava, e de navegar pelo rio Piracicaba até o Tietê. O transporte dos produtos cultivados era intenso à época, o que trouxe benefícios para as cidades que ficavam à beira do rio, como Porto Feliz (GANHITO e SPLIATTI, 2004).

Em 1886, a Companhia Fluvial Paulistana foi comprada pela Companhia Ituana de Estrada de Ferro, com o objetivo de fazer novas obras que facilitassem o escoamento dos produtos, que garantissem a segurança e a regularidade do tráfego, e para a construção de cais com guindastes em vários portos.

No início do século XX, o rio era dadivoso, fornecia peixe, areia e transporte até por seus afluentes. Por meio dele era possível deslocar-se a Pinheiros, ou até a atual região de São Bernardo do Campo, pelo rio Jurubatuba (hoje Pinheiros), e às proximidades da região central de São Paulo pelo Tamanduateí, além de manter através de seu caudal um elo com o Tatuapé, Penha (hoje bairros de São Paulo), Guarulhos e Itaquaquecetuba (região metropolitana de São Paulo).

O leito do rio Tietê forneceu a areia e o pedregulho que construíram São Paulo. Havia muitos portos de desembarque até 1950, principalmente nas cabeceiras da Ponte Grande (local, formal, da primeira partida de futebol). A carga era transportada por um barco grande chamado batelão, que era pesado, de fundo chato, com capacidade de transportar pelo rio-estrada grandes quantidades do que quer que fosse (NICOLINI, 2001). O rio Tietê, inicialmente distanciado do núcleo original da cidade, embora próximo à Freguesia do Ó, Santana e São Miguel Paulista (bairros de São Paulo), durante o século XX foi gradativamente se aproximando da estrutura urbana, até se tornar um elemento componente de sua paisagem. Seu traçado foi retificado e

canalizado, e este passou a receber vias expressas em ambas as margens, presenciando o surgimento de novos centros comerciais e a formação dos primeiros clubes esportivos na Ponte Grande já no final do século XIX (MONTEIRO, 2010).

A Hidrovia Tietê – Paraná seria a via de transporte de produtos como soja, farelo de soja, milho, sorgo, trigo etc., sendo composta pelos portos de Pederneiras - SP, Anhembi - SP e Santa Maria da Serra - SP, visando basicamente o mercado externo, principalmente Europa e Ásia. O principal objetivo era o transporte de cargas e produção de energia, com o propósito de fomentar o crescimento econômico paulista (FELIPE JR, 2008). A partir de um planejamento técnico, várias barragens, hidrelétricas e eclusas foram construídas, pontuando que dentro deste mesmo contexto, o desenvolvimento do Estado de São Paulo era intenso, com ênfase à atividade industrial, expansão das rodovias, e consagração do Brasil como o “país do futebol”.

No início do século XX, o rio era um lugar de lazer, propício à prática esportiva como natação, remo e o futebol. Era utilizado para a pesca, banho e lavagem de roupas, além de servir para o extrativismo mineral de terra e argila, agricultura e para o transporte de pessoas e materiais (NICOLINI, 2001). O nome Ponte Grande é proveniente da velha ponte de madeira, sustentada por cinco pilastras de ferro, que servia de travessia para o bairro de Santana, próxima ao centro da cidade. A região era formada por chácaras, como a Chácara Floresta e a Chácara Couto de Magalhães. A Ponte Grande acabou demolida em 1940, dando lugar à construção da Ponte das Bandeiras, e à retificação do rio Tietê, durante a gestão do prefeito Francisco Prestes Maia. Atualmente, o nome Ponte Grande pertence a um bairro localizado na cidade de Guarulhos.

A Ponte Pequena cruzava o rio Tamanduateí e era o caminho para a Ponte Grande, que por sua vez, cruzava o Tietê. Atualmente, Ponte Pequena é o nome de um bairro que fica localizado próximo ao Bom Retiro e, até pouco tempo, também era o nome dado à atual estação Armênia do metrô.

A Chácara Floresta era uma propriedade rural composta por figueiras e coqueiros, onde frequentemente eram realizados passeios e piqueniques, considerada um local de lazer onde se encontravam quiosques e o restaurante de Baptista Peyroncelli. Por ser extremamente arborizada, foi um dos locais mais cobiçados para a instalação dos clubes esportivos de São Paulo. No final do século XIX, a Chácara Floresta deu o primeiro passo rumo ao futuro título de celeiro de clubes, abrigando o Clube Esperia Società Italiana.

Na Chácara Floresta foram criados os primeiros clubes esportivos da cidade, como o Clube de Regatas São Paulo, Clube de Regatas Tietê, Associação Atlética São Paulo, Sport Club Corinthians Paulista, Associação Portuguesa de Desportos, o Deutsch Sport Club, além de inúmeros campos de futebol que foram se distribuindo pelas várzeas do Tietê, próximos aos bairros da Penha, Vila Maria, Canindé, Lapa, Barra Funda, Ipiranga e Vila Prudente (MONTEIRO, 2010; NICOLINI, 2001).

Os clubes de futebol começaram a surgir em várias localidades às margens do rio e muitos deles, que hoje possuem grande destaque ou que são inexistentes, tiveram ou ainda têm suas sedes banhadas pelo rio Tietê, como o São Paulo Athletic Club, o Sport Club Corinthians Paulista, o Sírio, a Associação Atlética São Bento e a Associação Atlética das Palmeiras. O Corinthians, por duas vezes teve sua sede à beira do rio, primeiramente na Ponte Grande e posteriormente no Parque São Jorge, localizado às margens do rio Tietê, onde existia um pequeno porto fluvial. O Parque

São Jorge, por exemplo, foi o local onde se estabeleceram alguns dos primeiros clubes de futebol do Estado de São Paulo.

A Ponte Grande deu origem ao nascimento e desenvolvimento de sete clubes importantes, sendo considerada uma das áreas mais esportivas existentes em São Paulo. O Parque São Jorge (que também nomeia hoje um bairro no distrito do Tatuapé), após a chegada do Corinthians, recebeu a alcunha de “Fazendinha”, por causa de uma pequena fazenda que existia na região e também devido à sua imensa dimensão territorial que ainda foi quintuplicada pelas obras de construção das marginais do rio Tietê. Antes mesmo da ida do Corinthians para lá, ele também já havia contado com a presença do Esporte Clube Sírio (NICOLINI, 2001).

Alguns dos clubes pioneiros do futebol nacional foram: São Paulo Athletic Club (1888), A.A. Mackenzie College (1898), Sport Club Internacional (1899), S.C. Germânia (1899), Clube Atlético Paulistano (1900), Sport Club Rio Grande (1900), Associação Atlética Ponte Preta (1900), Associação Atlética das Palmeiras (1902), Fluminense Foot Ball Club (1902) e o Grêmio Foot Ball Porto Alegre (1903).

As margens do rio foram aproveitadas para a fundação dos clubes de futebol, e também utilizadas para acelerar a urbanização da cidade. Ao mesmo tempo em que o Plano de Avenidas era publicado na década de 1930, o São Paulo Futebol Clube e o Sport Club Corinthians Paulista iniciavam suas maiores fases de desenvolvimento.

O Plano de Avenidas elaborado por Prestes Maia, engenheiro e prefeito da cidade de São Paulo de 1938 a 1945, apresentava a construção de avenidas marginais que resolvessem o problema de drenagem do rio, além de objetivar a urbanização da várzea. Prestes Maia previa avenidas de tráfego rápido, instalações esportivas, a localização de linhas e estações de estradas de ferro, bairros de habitações para os

operários de indústrias e o aeroporto da cidade. A margem direita do rio Tietê seria reservada para a relocação das ferrovias e para a criação de bairros industriais. Na altura da Ponte Grande seria criada uma nova Estação Geral, que conteria todas as estações em um só edifício. Já em sua margem esquerda, a avenida marginal seria reservada para a circulação de automóveis, tendo que receber desta forma calçamento, arborização e iluminação. A Ponte Grande era localizada no eixo da maior artéria paulista (Avenida Tiradentes), era acesso à margem direita do Tietê e próxima à Estação Geral, ao aeroporto e ao porto fluvial, constituindo assim a principal entrada da cidade (CARPINTÉRO, 2007).

4. Fundação e disseminação dos clubes ribeirinhos

Associação Atlética das Palmeiras

A Associação Atlética das Palmeiras foi fundada em 1902 por jovens moradores do bairro de Santa Cecília, região das atuais ruas das Palmeiras, Baronesa de Itu e Martim Francisco. Segundo os documentos do clube, no meio destas ruas havia um amplo terreno coberto por vegetação, que pouco tempo depois se tornou no local onde estes jovens se encontravam para jogar futebol. A consagração do clube se deu quando este participou do Campeonato Paulista em 1904, juntamente com o Germânia, Paulistano, Mackenzie e Internacional.

A Associação Atlética das Palmeiras possuía identificação econômica e cultural com o Clube Atlético Paulistano e com o Clube de Regatas São Paulo, fato que motivou o presidente deste último, Alberto Menezes Borba, a oferecer à Associação uma parte do terreno localizado na Chácara Floresta, da qual era proprietário, juntamente com Frederico Steidel, ao lado das instalações do Clube de Regatas São Paulo.

Quando o clube estabeleceu-se na Chácara Floresta, em 1904, passou por um período de desenvolvimento. Em 1925, segundo notícia do *Jornal do Commercio*, de 29 de fevereiro de 1925, o clube já contava com um departamento de atletismo, tênis e pingue-pongue, além de um departamento de remo, polo aquático e bola ao cesto, conforme *O Estado de São Paulo*, de 6 de março de 1925.

O clube esteve à frente das principais cisões que ocorreram no futebol paulista. Em 1912, por exemplo, participou do movimento que fundou a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) e em 1925 participou da fundação da LAF (Liga de Amadores de Futebol), ambas em parceria com o Clube Atlético Paulistano.

A Associação Atlética das Palmeiras foi campeã paulista em 1909, 1910 e 1915, participando do futebol paulista até 1929, quando ao final do campeonato daquele ano, unindo-se ao Clube Atlético Paulistano, deu origem ao São Paulo da Floresta.

Estes acontecimentos, a primeira vista, parecem-nos conflitos de cartolas ou grupos de poder, que discordavam do calendário, ou coisas menores. No entanto, o que estava em jogo era a elitização do futebol paulista. Era justamente a tentativa de boicotar as iniciativas de profissionalização do futebol e, por consequência, a retirada dos jogadores que não poderiam disputar os campeonatos institucionalizados de forma amadora. É consenso que grupos excluídos só poderiam praticar o futebol institucional se houvesse salário, ou como ocorreu em muitos casos o famoso “amadorismo marrom”.²

Passaram dias e um boato apareceu. Foi tomando volta, foi crescendo, crescendo até que tomou aparencias de verdade: nesta capital, com os elementos do Paulistano e com a fusão de dois clubes, ir-se-ia fundar um novo clube. Passaram-se mais dias e o novo clube veio à luz. E hoje está elle ahi entre os outros com uma currada enorme de promessas. Falou-se então que todos os elementos do

² Para compreender o termo amadorismo marrom ler, MAZZONI (1950).

Paulistano já haviam se comprometido a jogar por esse novo clube. Se não fosse fundado o São Paulo não mais jogariam futebol... O São Paulo terá de se contentar só com alguns dos jogadores, que não mais jogariam futebol... ou então terá que arcar com muita “grana”. Assim é que um dos mais afamados campeões do clube que extinguiu sua secção do esporte, que mais glórias lhe deu está querendo, para assignar sua inscrição para o São Paulo, a mesma quantia que exigiu no Palestra, até agora inutilmente. Se o “novel” fôr possuidor de muita “comida” poderá pôr em nossos campos o quadro que prometeu. Do contrário ficará sem o concurso dos que não jogariam mais futebol... Pobre Paulistano. Seus jogadores eram uns “amadores” de raça! Também o que temos com as “defesas” dos “ditos cujos?” Desgraçado amadorismo.³

Percebe-se claramente o tom que a opinião pública tinha sobre a questão da profissionalização do futebol, no livro de Nicolini estas disputas ficam bem evidentes. A sociedade ansiava por ver os melhores jogadores, aqueles que encantavam os paulistas com os pés. Naquele momento já era tarde, uma elite tentar resgatar o que parece que nunca os pertenceu, o futebol.

Analisando os acontecimentos à luz da sociologia compreensiva, parece-nos que os grupos de poder na esfera esportiva tinham amplo contato, circulavam pelos mesmos locais sociais e econômicos. A rivalidade constituída pelos cartolas às vezes é parte do processo místico do futebol. A administração dos clubes de futebol é diferente do torcedor. Fazendo uma analogia rápida com os tipos puros de ação racional, o torcedor caminharia mais próximo às ações racionais emocionais e os cartolas com ações racionais com respeito a fins. Isto é, a ação do primeiro se move por explosões fortes e apaixonadas pelo clube. Enquanto o segundo parte de decisões estratégicas buscando sempre um objetivo de dominação.

³ “Da união de parte dos sócios do C.A. Paulistano com a A.A. das Palmeiras nasceu o S. Paulo F.C.”
Folha da Manhã. 27 jan. 1930, p. 4.

São Paulo Futebol Clube

Em 27 de janeiro de 1930 foi fundado o São Paulo da Floresta. A primeira diretoria e o conselho deliberativo foram constituídos por pessoas muito influentes na vida social, política e empresarial de São Paulo, como o presidente Edgard Egydio de Souza Aranha, que era o principal dirigente brasileiro da Light (empresa de energia e dos bondes elétricos), além do 1º vice-presidente Alberto Caldas, o 2º vice-presidente Luiz de Oliveira Barros, o secretário José Martins Costa, o 1º tesoureiro João B. da Cunha Bueno e o 2º tesoureiro Caio Luiz Pereira de Souza. Contava também com Raphael Sampaio e Júlio de Mesquita Filho (diretor do jornal O Estado de São Paulo) nos conselhos fiscal e deliberativo, além de outras personalidades muito influentes:

Concorrendo ainda para maior prestígio do recém-nascido gremio, pode-se ver na sua directoria nomes dos mais representativos, não talvez no futebol, mas na nossa melhor sociedade, o que indiscutivelmente a base sólida e inconfundível das boas agremiações. Nomes como o do dr. Edgard de Souza, Montenegro, Cunha Bueno, Nogueira Barbosa, Caio Luiz Pereira de Souza, Silva Ramos, Mesquita Filho, Franco do Amaral, Rezende Costas, Rachou e outros, indiscutivelmente são necessários ao esporte bandeirante (NICOLINI, 2001, p. 132).

Foi na Chácara Floresta que o São Paulo realizou seu primeiro jogo noturno. A história oficial não conta, mas acredita-se que pelo fato de seu presidente ser o principal executivo brasileiro da Light, houve melhorias que facilitaram a iluminação do campo, além disso, semanas após a fundação do Tricolor paulista, o estádio que antes pertencia à Associação Atlética das Palmeiras passou por significativas reformas (NICOLINI, 2001). O engenheiro e doutor da Universidade de São Paulo, Edgard Egydio de Sousa Aranha era o superintendente da Light & Power Company, tão importante no cenário

paulista que a barragem que represa as águas do Tietê, localizada no município de Santana do Parnaíba, recebeu seu nome com o propósito de homenageá-lo.

Em março de 1930, ano de sua fundação, o clube já se encontrava participando do Torneio Início do Campeonato Paulista, onde marcou seu primeiro gol, realizado pelo jogador Formiga. Em maio, disputava uma partida interestadual com os cariocas, no qual se sagrou vice-campeão ao final da temporada. Em 1931 conquistou o título de campeão paulista, e em 1932 e 1933 foi vice-campeão.

Em 1935, o São Paulo da Floresta passava por tempos difíceis devido ao amadorismo marrom, ao início do profissionalismo e à infeliz compra de uma sede localizada no centro da cidade, no Palácio Trocadero, o que lhe trouxe problemas financeiros, dívidas extremamente altas, levando a diretoria à decisão de promover uma fusão entre o São Paulo da Floresta e o Clube de Regatas Tietê, que ostentando ótimas condições financeiras, saldou toda a dívida do novo companheiro. Após essa fusão ocorrida em 17 de abril de 1935, o clube acabou não só deixando a Chácara Floresta, mas sendo brevemente extinto, passando a compor o chamado Clube de Regatas Tietê – São Paulo.

Em menos de um mês após a fusão, o São Paulo foi reorganizado e nomeado Clube Atlético São Paulo, entretanto, esta denominação durou apenas um semestre. Poucos meses depois, o clube foi refundado definitivamente, não mais como São Paulo da Floresta ou Clube Atlético São Paulo, mas sim como São Paulo Futebol Clube, estabelecendo-se na Praça da Sé, que rapidamente precisou ser ampliada. A realização do treinamento do time de futebol acontecia em diversos locais, entre eles, curiosamente, na própria Chácara Floresta.

O jogo da fundação do São Paulo Futebol Clube ocorreu em meio a um período ditatorial que o país atravessava, no qual era proibido realizar na data da fundação da cidade de São Paulo (25 de janeiro), qualquer atividade paralela esportiva. Este percalço ocorrido justamente na data escolhida para marcar a revivescência tricolor, levou o tenente Porphírio da Paz (mais tarde governador de São Paulo) a se mobilizar até o desfile cívico comemorativo na Avenida Paulista, para pedir autorização para a realização do jogo ao secretário da Educação Cantídio de Moura Campos, que a concedeu. Cantídio, importante político de São Paulo, já havia sido conselheiro do clube quando este ainda apresentava-se como São Paulo da Floresta, fato que facilitou a sua autorização. Em 25 de janeiro de 1936, o São Paulo Futebol Clube realizou seu primeiro jogo no Parque Antártica, contra a Associação Atlética Portuguesa, de Santos, obtendo vitória de 3x2.

Com o desejo de estabelecer instalações que fizessem dele um clube poliesportivo, em 1944 o São Paulo Futebol Clube adquiriu um terreno localizado na rua do Porto, que não ficava exatamente às margens do rio Tietê, mas nas lagoas que integravam o complexo daquele curso d'água nas paragens da Ponte Pequena e do Canindé (estádio da Portuguesa Paulista). A partir disso, outras modalidades começaram a ser praticadas, tais como atletismo, basquete, beisebol, bocha, boxe, esgrima, futebol de salão, ginástica, handebol, hóquei, natação em águas abertas, patinação, remo, tênis de mesa, voleibol e xadrez.

O processo histórico de desenvolvimento dos clubes influentes apresenta uma teia de relações sociais no sentido weberiano: teia de relações que o próprio homem tecer, reforçando a hipótese de tipo ideal dos dirigentes como participante da mesma

esfera de poder, necessitado de favores políticos e econômicos para manter a agremiação funcionando.

Sport Club Corinthians Paulista

O Sport Club Corinthians Paulista foi fundado em setembro de 1910 por um grupo de trabalhadores e operários do bairro do Bom Retiro, composto pelos pintores de paredes Antonio Pereira e Joaquim Ambrósio, o motorista Anselmo Correia, o trabalhador braçal Carlos Silva, o sapateiro Rafael Perrone e mais oito rapazes, tendo como seu primeiro presidente um alfaiate chamado Miguel Bataglia.

Conquistando a posição de campeão paulista em 1916, o clube passou a almejar um espaço na Ponte Grande, onde pudesse construir um estádio. Para atingir este objetivo, o Corinthians contou com o apoio do deputado Antônio Alcântara Machado, que se encarregou de todas as tramitações com a Prefeitura. Em 1916, quando o presidente do clube era João Baptista Maurício, o contrato de arrendamento foi assinado na presença de Washington Luiz Pereira de Souza, então prefeito de São Paulo, que posteriormente tornou-se o presidente da República. Em 1917, seu estádio foi inaugurado, recebendo os mais rasgados elogios da imprensa. A partida inaugural no primeiro estádio corinthiano foi contra o Palestra Itália, terminando empatada em 3x3.

A saída do Corinthians da Ponte Grande só ocorreu dez anos depois, em 1927, pois a torcida era tamanha que o local acabou tornando-se pequeno para o Campeão do Centenário (título dado ao Corinthians em sua vitória de 1922, ano da comemoração do Centenário da Independência e da inauguração do monumento do Ipiranga). Sob a presidência de Ernesto Cassano, sua mudança foi para o Parque São Jorge, também localizado à beira do rio Tietê. O seu antigo estádio na Ponte Grande passou a ser

utilizado pela Associação Atlética São Bento, que como o Corinthians, também ficou por dez anos no local (NICOLINI, 2001).

O desejo de uma sede própria levou o Corinthians a mudar-se para o Parque São Jorge, onde desfrutaria de uma área de 45.000 metros quadrados, o triplo do terreno anteriormente ocupado na Ponte Grande. No Parque São Jorge o clube ficou ainda mais próximo do rio Tietê, o que o possibilitou desenvolver esportes aquáticos e náuticos, tornando-se assim poliesportivo. Além disso, diferente de seu início na Ponte Grande, no Parque São Jorge o Corinthians já contava com algumas instalações que desde 1920 já eram usadas pelo Esporte Clube Sírio.

Alfredo Schurig foi um dos presidentes que mais contribuiu financeiramente para o Sport Club Corinthians Paulista. Empresário de origem alemã, bem sucedido no ramo de ferragens e parafusos, um dos primeiros a se estabelecer no ramo metalúrgico do país, assumiu o comando do clube em 1930. Schurig, apesar de não ser um amante do futebol, fez diversas doações que viabilizaram o pagamento do local, além da realização de diversas melhorias no estádio e a construção de arquibancadas.

Schurig acabou renunciando a presidência do Corinthians em 1933, quando o clube sofreu uma derrota de 8 a 0 para o Palestra Itália durante o Campeonato Paulista. A torcida revoltada com o resultado invadiu a sede do clube, levando Schurig e toda a diretoria ao descontentamento e à decisão de renunciarem seus cargos.

Em 1939, na presidência de Alfredo Inácio Trindade, o clube dobrou sua área ao adquirir uma parte do terreno vizinho tão grande quanto o Parque São Jorge, que na época era ocupada pelo A.A. Guarani, ideia sugerida por Manoel Correcher. Em 1962, por iniciativa de seu presidente Wadih Helu, sua área foi aumentada por duas vezes, a primeira para 33.000 metros, e a segunda para mais 42.000 metros de terreno, deixando

o clube com mais de 160.000 metros quadrados, tornando-se um clube patrimonialmente riquíssimo, o que trouxe incontáveis benefícios que puderam ser desfrutados pela população situada às proximidades de sua instalação.

Mesmo tendo como parte do mito corinthiano a ideia de clube operário, ele só se consolidou por ter se aliado com nomes fortes da sociedade paulista, que durante um processo histórico muito particular em que era importante para o mercado de votos ter um clube que representasse a região operária de Bom Retiro, Brás, Barra Funda, local de forte influência da imigração. Alcântara Machado tinha uma relação especial com estes bairros, seu livro mais conhecido era Brás, Bexiga e Barra Funda (1928) onde discute a cultura destes territórios.

Associação Atlética São Bento

Fundada em 1913, a Associação Atlética São Bento mudou-se para a Ponte Grande em 1927 após a saída do Sport Club Corinthians Paulista desta, e permaneceu lá até a sua extinção, que ocorreu dez anos depois.

O nome São Bento refere-se ao Colégio São Bento, celeiro de bons jogadores, onde o futebol era praticado desde a sua chegada ao Brasil. Para que o clube fosse fundado, um dos padres do colégio chamado D. Koton, inconformado com a dispersão de valores na época, sugeriu que todos os ex-alunos que se encontravam em outras esquadras, retornassem ao colégio. Esta sugestão conseguiu reunir muitos dos melhores craques da época, como Irineu Malta, Alfredo Aranha, Luis Alves, entre outros, nascendo assim a Associação Atlética São Bento, dirigida por D. Pedro (diretor do ginásio), o cel. Luiz Alves, Antonio Pedroso e Alfredo Aranha.

Em 1914, a A.A. São Bento conquistou o Campeonato Paulista da Apea, o que não foi de grande surpresa, já que sua equipe era composta por jogadores já consagrados no futebol.

Possuindo um espírito amadorista, o clube, como tantas outras agremiações, não resistiu à oficialização do futebol profissional em 1933. O clube permaneceu de forma autônoma até 1937, quando seus dirigentes, já cansados e desmotivados, concordaram em promover uma fusão do clube com o C.R. Tietê, na qual a A.A. São Bento extinguiu-se. O documento oficial foi assinado por Lauro Gomes de Almeida, último presidente do clube, homem público de prestígio, ligado à administração pública e ao esporte, na ocasião importante executivo do Frigorífico Anglo e posteriormente, prefeito de São Bernardo do Campo. Devido à fusão, o antigo estádio da A.A. São Bento foi transformado, dando lugar para jardins e quadras de tênis tieteanas, ampliando assim a estrutura física do C.R. Tietê.

Em memória ao clube foi adquirido um barco que levaria seu nome, um outrigger a 8 remos que venceu as principais provas clássicas do país.

Lauro Gomes de Almeida, o último presidente do São Bento era sócio do Jockey Club de São Paulo, diretor do Frigorífico Wilson do Brasil S.A., e, posteriormente, em 1952, Prefeito Municipal de São Bernardo do Campo. Casado com Lavínia Rudge Ramos, filha única de Orlandina Rudge Ramos e Artur Rudge Ramos, delegado de polícia de São Paulo muito conhecido por construir de 1913 a 1920 o Caminho do Mar, a primeira estrada pavimentada para automóveis da América do Sul, que liga São Paulo a Santos. Esta estrada, que passava pela rua Marechal Deodoro, reativou o comércio de São Bernardo do Campo e possibilitou o crescimento do bairro dos Meninos, que posteriormente recebeu o nome de Rudge Ramos. Em 1954, foi eleito Deputado Federal

por São Paulo. São Bernardo do Campo possui uma praça, uma avenida, uma raia de regatas e um loteamento denominado Lauro Gomes. Ademais, a Escola Técnica Industrial, o Colégio Estadual no bairro de Rudge Ramos e o Ginásio de Esportes da Associação dos Funcionários Públicos Municipais também fazem menção ao seu nome.

Esporte Clube Sírio

O Esporte Clube Sírio foi fundado em 1917 num quarto de pensão da rua Augusta, durante a festa de aniversário de Milheim Simão Racy, seu primeiro presidente. A iniciativa de formar um clube partiu de um grupo de jovens sírio-libaneses, que necessitavam de uma entidade que os agrupasse e representasse. O E.C. Sírio foi instalado em um prédio na rua do Comércio, localizada no centro da cidade até 1920, quando um surto de progresso exigiu que o clube se mudasse para um local maior. O E.C. Sírio então estabeleceu a sua sede na rua Florêncio de Abreu e alugou um espaço no Parque São Jorge.

Em 1924 o E.C. Sírio adquiriu um terreno próprio de 45.000 metros quadrados na confluência da rua Pedro Vicente com a avenida Cruzeiro do Sul. O terreno, apesar de não ser localizado nas margens do rio Tietê, ligava-se às suas águas através de pequenas lagoas resultantes da extração de areia, o que possibilitou ao clube desenvolver esportes aquáticos.

Em 1930 a construção de seu estádio foi terminada, e o clube já havia se tornado poliesportivo, competindo oficialmente em pedestrianismo, voleibol, atletismo e basquetebol. Porém, no que se refere ao futebol, o clube permaneceu participando dos campeonatos da Apea somente até 1934 por causa da oficialização da

profissionalização, não conseguindo se incorporar aos moldes deste sistema altamente dispendioso.

Alguns anos depois, em decorrência da elevação do nível socioeconômico da colônia sírio-libanesa e da sua mudança para a zona sul da cidade, o clube transferiu-se de sede, deixando para trás a Ponte Pequena e toda a sua trajetória relacionada ao rio Tietê. Em 1950, na Avenida Indianópolis, as suas novas instalações começaram a ser construídas.

Dos clubes analisados o E.C. Sírio tem uma característica muito peculiar, a de nascer de uma colônia fechada, sendo até hoje um clube que acompanhou o desenvolvimento da comunidade sírio-libanesa na cidade de São Paulo. Para a comunidade o clube servia, ou serve, para fortalecer seus laços distintivos e um espaço de endogamia. O clube se desenvolve pelos laços de parentesco e o objetivo não é ter força política no cenário paulista, mas sim dentro da comunidade, possuindo lógicas próprias e um processo de dominação que gira em torno da proteção dos valores culturais do grupo. Este objetivo de proteção é muito mais forte do que tornar o clube uma potência esportiva, ou algo para ter uma torcida supra-étnica.

Considerações finais

Os primeiros clubes esportivos têm ligação direta ou indireta com as indústrias e principalmente, com os meios de transporte.

O rio Tietê foi extremamente importante para a formação metropolitana de São Paulo. Por meio dos muitos portos fluviais comportados por ele até 1950, hidrovias, eclusas, canais artificiais, barragens e o próprio sistema viário favoreceram a

urbanização da várzea, o crescimento econômico da cidade e, conseqüentemente, o desenvolvimento dos clubes esportivos.

O governo de Getúlio Vargas foi o que mais regulamentou a atividade portuária do país, e também utilizou o futebol como um elemento de propaganda nacionalista. O início do Estado Novo (década de 1930) foi um período importante para o desenvolvimento de alguns clubes de futebol localizados às margens do rio Tietê. O São Paulo Futebol Clube (SPFC) e o Sport Club Corinthians Paulista (SCCP), por exemplo, passaram por um grande desenvolvimento durante esta década, na qual ambos eram liderados e apoiados por sujeitos muito influentes na sociedade, pertencentes à elite paulista, envolvidos com a indústria ou com a política, entre os quais podemos citar o executivo Edgard Egydio de Souza Aranha (presidente do SPFC), o tenente Porphírio da Paz, o secretário da Educação Cantídio de Moura Campos (apoiadores do SPFC), o empresário Alfredo Schurig, Alfredo Inácio Trindade (presidentes do SCCP), e Manoel Correcher (apoiador do SCCP). Pudemos perceber nesta pesquisa que as ações sociais destes sujeitos foram imprescindíveis para que o desenvolvimento vivenciado por estes clubes, durante este período, fosse possível.

Alguns autores relatam que sem o profissionalismo o futebol brasileiro não teria crescido tanto (NOGUEIRA, 2006). Porém, observamos que alguns clubes como a Associação Atlética São Bento e o Esporte Clube Sírio não resistiram à oficialização do futebol profissional, imposta pelo governo de Vargas em 1933, pois neste período eles não possuíam condições socioeconômicas que pudessem suportar este sistema dispendioso. Encontramos poucas informações sobre as ações sociais dos presidentes e/ou apoiadores destes clubes, o que nos leva a questionar se estes sujeitos exerciam

papéis na sociedade tão influentes quanto os papéis exercidos pelos sujeitos envolvidos com o São Paulo Futebol Clube e com o Sport Club Corinthians Paulista, por exemplo.

Retomando a uma análise weberiana, toma-se como tipo ideal de dirigente esportivo dos clubes que progrediram e existem até hoje como potências esportivas, os sujeitos que possuíam poder político e econômico na sociedade paulista da época. As influências e associações políticas fizeram-se determinantes na história de crescimento destas entidades. Quanto aos tipos de dominação, pode-se perceber as influências políticas como ações norteadas por um agir racional com respeito a fins, em função de interesses pessoais ou coletivos, representativo de cada agremiação. As alianças e aquisições simbolizam tais procedimentos. Já no caso do Clube Sírio, pode-se perceber certa influência da racionalidade tradicional, visto a preocupação com a manutenção de um espaço distintivo etnicamente e de busca por influência política restrita a certa esfera de atuação social. Acreditamos assim ter conseguido responder a questão inicial, apontando para o fato de que pode ser percebida uma tipificação ideal do dirigente de clube de sucesso, e da sua racionalidade, no campo do futebol, para a região geográfica definida e o período histórico em questão.

Conclui-se destacando a importância da urbanização e industrialização na região do rio Tietê para a disseminação do esporte pelo país, com destaque para o Estado de São Paulo. O processo de urbanização, com a chegada principalmente dos meios de transporte, propiciou condições necessárias para que o esporte fosse inserido às margens e às cidades próximas ao rio Tietê, por meio dos clubes de futebol.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Marco. *Análise do desenvolvimento das práticas urbanas de lazer relacionadas a produção cultural no período nacional - desenvolvimentista à*

globalização através da “Teoria da Ação Comunicativa”. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ALMEIDA, Marco; GUTIERREZ, Gustavo; FERREIRA, Ricardo. Futebol e ferrovia: a história de um trem da industrialização que parte para o noroeste paulista. São Paulo: *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v.24, n.2, p.249-58, 2010.

ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e Futebol: O caso Palestra Itália*. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 2000.

BARAT, Josef. *A evolução dos transportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Instituto de Planejamento Econômico e Social, 1978.

CARPINTÉRO, Marisa, V. T. *Tempo e História no Plano de Avenidas - Dossiê: Cidade, Imagem, História e Interdisciplinaridade*. Urbana, ano 2, nº 2, 2007.

CASTRO, Ana Maria; DIAS, Edmundo Fernandes. *Introdução ao Pensamento Sociológico: Durkheim...* [et al]. São Paulo: Centauro, 2005.

CLUBE ATLÉTICO SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.spac.org.br/>>. Acesso em 22 abr. 2011.

DEAECTO, Marisa Midori. *Comércio e Vida Urbana na Cidade de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade. *História do Esporte no Brasil: Do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=6587&cd_item=2&cd_idioma=28555>. Acesso em: 02 out. 2011.

ESPORTE CLUBE SÍRIO. Disponível em: <http://www.sirio.org.br/clubesirio_presidentes.asp>. Acesso em: 07 set. 2011.

FELIPE JÚNIOR, Nelson Fernandes. *A Hidrovia Tietê-Paraná e a intermodalidade no Estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

FERREIRA NETO, Francisco. *150 anos de transportes no Brasil*. Rio de Janeiro: CEDOP do MT, 1974.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GANHITO, Renato; SPLIATTI, Solange. *Tietê: O Rio de São Paulo*. São Paulo: A Books, 2004.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2010.

KAPPEL, Raimundo F. *Portos Brasileiros: Novo Desafio para a Sociedade*. Disponível em:
<http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/raimundokappel.html>. Acesso em: 19 abr. 2011.

KOGURUMA, Paulo. *A metrópole do café: Urbanização tumultuária e cosmopolitismo sócio cultural, 1890-1920*. Goiânia: História Revista, v. 3, n.1/2, p.93-109, 1998.

MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil – 1894 – 1950*. São Paulo: Edições Leia, 1950.

MONTEIRO, Peter R. *São Paulo nos centros das marginais: a imagem paulistana refletida nos rios Pinheiros e Tietê*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

NICOLINI, Henrique. *Tietê: O Rio do Esporte*. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

NOGUEIRA, Cláudio. *Futebol Brasil Memória: de Oscar Cox a Leônidas da Silva (1897-1937)*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2006.

O RIO TIETÊ E SUA HISTÓRIA. Disponível em: <<http://riotiete.sites.uol.com.br/>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

OGAWA, Carlos. *Acessa história: Ponte Grande, Ponte Pequena*. Disponível em: <<http://blog.acessasp.sp.gov.br/index.php?itemid=373>>. Acesso em: 16 out. 2011.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PREFEITURA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO. Disponível em: <http://www.saobernardo.sp.gov.br/comuns/pqt_container_r01.asp?srcpg=historia_historia_prefeitos_curriculum&area=&ref=7>. Acesso em: 05 abr. 2011.

ROZENBERG, Marcelo. *Alfredo Schurig*. Disponível em: <http://terceirotempo.ig.com.br/quefimlevou_interna.php?id=2973&sessao=f>. Acesso em: 21 set. 2011.

SILVEIRA, Márcio Rogério. As cinco revoluções e evoluções logísticas e seus impactos sobre o Brasil. In: SILVEIRA, Márcio Rogério; MOURÃO, Paulo Fernando Cirino; LAMOSO, Lisandra Pereira. (Orgs.). *Questões nacionais e regionais do território brasileiro*. Rio de Janeiro: Interciência, 2009.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA. Disponível em:
<<http://www.corinthians.com.br/portal/clube/default.asp?categoria=Hist%F3ria>>.
Acesso em: 16 set. 2011.

WEBER, Max. *Conceitos Básicos de Sociologia*. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias e Gerard Georges Delaunay. São Paulo: Centauro, 2002.